

FLORESTAN FERNANDES LEITOR: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA LEITURA-SELEÇÃO E ESCRITA-COLEÇÃO MANIFESTA EM SEUS CADERNOS DE NOTAS

FLORESTAN FERNANDES READER: A DISCOURSIIVE ANALYSIS OF SELECTION-READING AND COLLECTION-WRITING MANIFESTED IN HIS NOTEBOOKS

Pâmela Rosin

(Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto)

Resumo: As notas, os fragmentos e os extratos, formas de materialização da leitura-seleção e escrita-coleção, são considerados pontos de partida tanto para leitura quanto para a construção de um texto. Neste artigo, empreende-se uma análise discursiva das anotações em cadernos de notas de Florestan Fernandes, um importante intelectual e político brasileiro do século XX, com objetivo de analisar e descrever a técnica de leitura e de escrita do destacamento, do registro e da organização em temáticas, por vezes diversas, para seu uso posterior e provável em outros textos. Mobiliza-se, portanto, princípios da Análise do Discurso e da História Cultural da leitura para descrever as especificidades e as regularidades presentes no uso dessa técnica, além de certas representações coletivas, históricas e culturais determinadas acerca do que é ser intelectual, leitor e autor, manifestas nessas anotações.

Palavras-chave: técnica de leitura e escrita; frases destacadas; Florestan Fernandes.

Abstract: *The notes, fragments and extracts, materialization forms of selection-reading and collection-writing, are considered starting points to reading as well as to a text's construction. In this paper, a discursive analysis is performed on the annotations found in notebooks from Florestan Fernandes, an important brazilian intellectual and politician from 20th century, aiming to analyze and describe the reading and writing technique in detaching, registering and theme organizing, at times diverse, for its future use and probably in other texts. It is used, then, Discursive Analysis and reading Cultural History principles to describe the specificities and regularities present in this technique's use, in addition to certain collective, historical and cultural representations determined near what is to be an intellectual, reader and writer, manifested in these annotations.*

Keywords: *reading and writing techniques; detached phrases; Florestan Fernandes.*

Leitura-seleção e escrita-coleção: breve considerações sobre essa técnica de leitura e escrita

Colecionar “frases”, por meio de seu destacamento a partir de seus textos de origem dos mais diversos campos (religioso, filosófico, científico e literário, por exemplo), é uma prática de leitura e escrita que se inscreve na longa duração. Seus usos em texto segundos podem variar em suas finalidades, considerando sua transformação ao longo da história e as influências de outras práticas culturais. Assim, essa técnica variou, tal como toda prática cultural, sendo ora tida como uma prática aceitável, avaliada positivamente e empregada com frequência, ora esquecida e condenada, deixada à deriva. Sua adequação em diferentes momentos históricos e culturais se deve em razão de sua adaptabilidade e capacidade de reinvenção, por vezes, recorrendo aos recursos tecnológicos da época, ou seja, às novas tecnologias vigentes.

Desse modo, em nossa tese de doutorado¹, dedicamo-nos à análise e à descrição da técnica de leitura e escrita, da coleta, do destacamento e posteriormente do agrupamento em cadernos/folhas, isto é, dessa “coleção de frases” empreendida por dois intelectuais brasileiros de relevo da segunda metade do séc. XIX e da primeira do séc. XX: Rui Barbosa (jurista e figura política) e Florestan Fernandes (sociólogo e figura política). Nosso interesse particular pelas notas desses dois escritores brasileiros se justifica pela apropriação comum que fizeram dessa técnica, mas especialmente por certas semelhanças de seus perfis. Separados no tempo, ambos dispõem de importante produção intelectual e de destacada carreira política no cenário nacional; ambos são herdeiros em maior ou menor medida de uma longa e ampla tradição pedagógica, por vezes silenciada, relacionada a princípios da retórica². Apesar do que os aproximam, eles apresentam origens sociais e percursos culturais bem distintos, e que não poderiam, portanto, não ecoar na forma como se fizeram leitores e escritores.

Diferentemente do que ocorre com grande parte da produção de intelectuais brasileiros, e em função de sua importância e destaque ímpares no cenário brasileiro, as produções intelectuais, de cunho político e acadêmico, de Rui Barbosa e de Florestan Fernandes, foram resguardadas em acervos dedicados exclusivamente às suas obras. Entre as produções e os objetos culturais legados por essas personalidades em seus acervos encontram-se folhas e cadernos de notas. Grande parte dessas anotações consistem justamente no registro e na compilação de frases que foram destacadas das obras de autores diversos, dando testemunho de suas leituras, do que leram, porque leram e como o fizeram. É com o objetivo de remontar a essas representações de suas práticas de leitura e de escrita, especificamente aquelas relativas ao emprego dessa técnica histórica de leitura, com a finalidade de destacamento, nota, coleção e uso de frases selecionadas, que nos propusemos em nossa tese a analisar as notas de leitura e

1. Apresentamos uma discussão aprofundada sobre a prática de seleção e destacamento de frases ao longo da história em Rosin; Curcino (2021) e uma panorama geral das práticas de leitura dos intelectuais Rui Barbosa e Florestan Fernandes em Rosin; Curcino (2020).

2. A arte da retórica, em seu stricto senso, na retórica antiga, pode ser compreendida como “a arte de falar em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que se lhe apresentava” (Perelman; Tyteca, 1996, p. 06). Em uma nova concepção da retórica, Perelman e Tyteca (1996), ampliam essa noção, compreendendo-a “como a estrutura da argumentação” não se limitando “na maneira pela qual se efetua a comunicação com o auditório” (Perelman, C. Tyteca, L.; *Tratado da Argumentação: A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996).

os usos que delas puderam ser feitos na escrita de seus textos.

Essas notas, por vezes dedicadas exclusivamente à recolha de frases de textos lidos ou ouvidos, se misturam com outras frases, sem autoria, sem relação lógica explícita e sem origem atribuída. Algumas são comentários e reflexões desses próprios autores, como um diálogo escrito onde consta a repercussão e o efeito da leitura desses fragmentos recolhidos, comentário e reflexões derivados, incitados, como um eco latente do que leram e ouviram recentemente, ou do que se lembraram e recorreram do lido e ouvido outrora.

Neste artigo, empreendemos um recorte de nossa pesquisa, dedicando exclusivamente à análise e à descrição dos “cadernos de notas” de Florestan Fernandes a fim de evidenciarmos a construção de seu perfil leitor, leitor-intelectual, que realiza essa leitura-seleção e escrita-coleção, considerando a posição que ocupa na sociedade.

Para analisar esse material que evidencia a leitura-seleção e a escrita-coleção, apoiamo-nos em princípios e em conceitos da Análise do Discurso e da História Cultural, ainda que de forma por vezes não reiterada e diretamente explicitada³. Tal como enuncia Curcino (2012; 2018), acerca das articulações possíveis entre esses dois campos teóricos, ambas são teorias que compartilham uma mesma concepção do “sujeito”, em sua condição de sujeito social, histórica e culturalmente inscrito e determinado. Ambas também pressupõem que as práticas e as formas de identificação de todo e qualquer sujeito são concebidas, exercidas, qualificadas por meio de discursos. Segundo Michel Foucault (2012), o discurso é uma “ordem” e como tal responsável pela regulação, pela distribuição e pela rarefação de todo e qualquer dizer em uma sociedade. Assim sendo, fornece para cada indivíduo, em conformidade com os distintos discursos dominantes em circulação em um dado tempo e espaço, como ser e estar no mundo. Essa determinação não se dá sem resistência ou mesmo sem possibilidade de expressão de certa singularidade dos sujeitos. No entanto, para ambas, é ponto consensual que os sujeitos exercem sua singularidade dentro das grades flexíveis que a sociedade, a história e a cultura representam para cada indivíduo.

O interesse pela análise e pela descrição dessa técnica de leitura e de escrita, bem como seu funcionamento em situações específicas, enfim por remontar sua história, suas regularidades e suas variações de usos, no caso, os cadernos de notas de intelectuais brasileiros, se inscreve no objetivo comum das pesquisas empreendidas no Laboratório de Estudos da Leitura – LIRE⁴, o qual integramos e realizamos nossas pesquisas desde a iniciação científica, sempre interessados em olhar, particularmente, para a destacabilidade e as “frases destacadas”. Assim, de início, dedicamos nosso olhar à prática de leitura e escrita da seleção de frases e de sua publicação em páginas de redes sociais, numa espécie de curadoria. De certo modo, esse fenômeno do destacamento de frases

3. Essa articulação teórica foi mais diretamente empreendida, de início, por Barzotto (1998), e tem sido mais sistematicamente conduzida por Curcino (2006; 2012; 2018), tanto em suas pesquisas quanto naquelas que orienta. Por isso, essa articulação se encontra presente em uma série de pesquisas desenvolvidas no LIRE, relativas aos discursos sobre a leitura e às representações do leitor.

4. O grupo LIRE é um grupo de pesquisa cujo objetivo é formar pesquisadores em análise de discursos sobre a leitura para melhor compreender e descrever seu funcionamento linguístico, histórico e cultural e seu impacto efetivo sobre a forma como lemos, sobre a forma como nos constituímos ou não leitores. Para outras informações, cf. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq/Lattes: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/43446>

parecia algo oriundo e fomentado pelas tecnologias digitais contemporâneas, em especial, as redes sociais que nos convidam à brevidade, ao fragmento.

Essa prática que estudamos anteriormente consistia no uso sistemático de frases destacadas de textos, em geral de obras e de autores consagrados, tanto no campo literário, filosófico como também religioso, e que eram apropriadas com a finalidade de serem usadas seja como epígrafes diárias das páginas pessoais dos participantes das redes sociais, seja como postagens pessoais, como se fossem comentários desses usuários da internet nessas redes, diante de certos temas pontuais. A frequência do recurso a essas frases tanto deu origem como proveio de repertórios digitais de frases, criados justamente para suprir essa demanda então em voga, e que ainda se faz presente, hoje (Rosin; Curcino, 2020, p. 297).

Dessa forma, recorreremos à análise e à descrição de páginas da rede social Facebook, em especial, aquelas que se dedicavam a frases de obras de dois autores literários brasileiros contemporâneos (ou frases a eles atribuídas): Clarice Lispector e Caio Fernando de Abreu, que à época, suas frases eram frequentes em diversos perfis de redes sociais. Nosso interesse recaiu, particularmente, no funcionamento discursivo dessas frases destacadas, no que concerne às formas peculiares do exercício de “autoria”, nas variações nos procedimentos de formulação – o modo como eram selecionadas e destacadas de seus textos originais em virtude de seus temas e de sua relação com imagens que a elas eram acrescidas, visando assim, uma relação de homologia – e nos comentários que os leitores dessas páginas de compartilhamento empreendiam nas postagens, por vezes, de maneira a avaliar a veracidade da autoria, por outras, de reconhecer a autoria e por fim, de atestar as relações temáticas realizadas pelos produtores dessas mensagens (escolha das frases e das imagens para sua composição). Em razão da própria configuração que essas frases destacadas assumiam nessas postagens, como um gênero discursivo específico, a intitulamos de *mensagens compartilhadas*⁵.

Com esse estudo acerca desse repositório de “frases” digital, nos interessamos ao estudo das formas históricas e culturais tanto do ponto de vista de sua emergência quanto da variação dessa técnica de leitura e escrita que se vale da seleção e do destacamento de frases para o emprego distinto e para a produção de outros textos, de modo a investigar as origens dessa técnica que diferentemente de nossa hipótese inicial, não se coloca como um fenômeno atual, oriundo e fomentado pelas tecnologias digitais de nosso tempo, mas sim um fenômeno cujas origens remontavam à Antiguidade clássica, assumindo, ao longo da história formas e usos muito distintos.

a técnica de leitura e de escrita, que concerne ao destacamento de frases de textos lidos, para seu uso posterior na produção de outros textos, além de antiga é também um procedimento comum e orientador dos modos de apropriação dos textos, que, na longa duração, ora foi reconhecido e validado como técnica

5. Essas “frases” são por nós designadas como “mensagens” em razão da forma genérica como os usuários das redes sociais, isto é, os leitores, a elas se referem. O qualificador/especificador “compartilhada” foi acrescido por designar a função exercida, seja para registrar uma opinião, o bom gosto e o ponto de vista daqueles que as empregas, seja como uma forma de socializar, estabelecer e reforçar vínculos sociais. Para uma melhor descrição e exemplificação de sua forma e de seu funcionamento, além das formas de variação na atribuição de sua “autoria” (Cf. Rosin; Curcino, 2015).

fundamental, ensinada explicitamente, recomendada, institucionalizada, reconhecida e por isso dominada por leitores e escritores, tanto eruditos como populares; ora esse procedimento técnico foi estigmatizado em função de certos usos que dele se valeram, ou então foi empregado de modo mais espontâneo, discreto, nem prioritária nem formalmente ensinado, a não ser para situações de uso muito específicas, e viabilizado por técnicas e tecnologias de escrita e de leitura também singulares (Rosin; Curcino, 2020, p. 299).

Ao longo do tempo, essa técnica e prática foi explorada e avaliada de modo distinto. Na Antiguidade clássica à Idade Média, era tida como uma técnica de base, comum e tradicional aos que sabiam ler e escrever, quase um sinônimo das práticas de leitura e escrita. Já no Renascimento europeu, é a marca da cultura humanista de prestígio cuja sobrevivência e avanço para outras terras se deu em razão de sua função didática, já que se colocava como técnica de ensino da leitura e escrita na tradição escolástica e retórica. Essa tradição se manifesta nos planos de ensino empregados, por exemplo, no Brasil até a metade do século XX. Nos dias atuais ela continua a ser empregada, com mais frequência por jovens em grande medida nas redes sociais, de modo “deslegitimado”, em um uso formal, ainda reconhecido e regulado por finalidades acadêmicas.

As razões e as motivações, de um lado, para coleta desses fragmentos lidos (ou não lidos, passíveis do emprego por meio de uma seleção feita por terceiros) variam, tal como os meios utilizados para sua disponibilização: cadernos de notas manuscritos, livros impressos publicados, repositórios digitais, entre outros. De outro lado, essa variação na coleta e seleção também acontece na aplicabilidade desses fragmentos, seja em conversas cotidianas, formais e na produção escrita de textos segundos que em função do gênero final de sua produção podem aproximar ou distanciar-se dos gêneros primários dos textos primeiros.

Florestan Fernandes enquanto leitor

Dentre os grandes nomes da sociologia brasileira, Florestan Fernandes, com mais de cinquenta anos de atuação acadêmica, merece destaque não somente por seu desempenho, de modo a estabelecer um padrão de exercício intelectual, mas por seu papel institucional na consolidação desse campo de estudo como disciplina acadêmica (Cf. Fernandes, 2014). Dessa forma, empreendemos brevemente um relato de sua história e de sua vivência profissional a fim de evidenciarmos como essas questões atravessam sua condição de leitor, já que os mais diversos estudiosos, sejam do campo da sociologia, sejam aqueles que se dedicam à descrição de sua trajetória de vida, são categóricos ao afirmar que os anos iniciais da vida de Fernandes devem ser tomados como fatores a serem considerados no desenvolvimento de sua trajetória acadêmica.

Nascido em meados dos anos de 1920, em São Paulo, filho de mãe imigrante portuguesa, analfabeta e trabalhadora doméstica em casas de família, o jovem menino fora exposto ao convívio com uma certa burguesia paulista cafeeira. Dada a mudança de emprego de sua mãe, de empregada doméstica para “passadeira” autônoma, isso o levou a exercer atividades renumeradas para contribuir

com a renda familiar, tais como biscates em barbearias e comércios e, posteriormente, como engraxate. Com a piora da situação financeira familiar, fora obrigado a abandonar os estudos, tendo apenas seguido três anos do ensino elementar.

Heloísa Fernandes, socióloga e professora aposentada da Universidade de São Paulo, também filha de Florestan Fernandes, descreve certos elementos que perpassam a formação escolar de seu pai. Mesmo tendo abandonado, por um período, seus estudos, ele sempre foi cercado por livros provenientes de doações. Ademais, para a professora, o contato de Florestan Fernandes com a burguesia, nos anos iniciais, propicia uma certa formação cultural e erudita, uma vez que “os padrões foram seus padrinhos de batismo e, graças a estes acasos que marcam alguns destinos, o menino conheceu o estilo de vida da elite urbana, onde a patroa falava francês e tocava piano” (Fernandes, 2014, p. 34). A professora também o caracteriza como “cria da casa”, como eram conhecidas as crianças negras “adotadas” à época por essas famílias brancas da elite paulistana (século XX), que viviam e trabalhavam em suas casas. Isso teria afetado significativamente o horizonte cultural de Florestan Fernandes.

A criança cria da casa rompeu o horizonte do analfabetismo da mãe, ganhou curiosidade, amor aos livros[...] e um intenso desejo de “ser gente”. Como aquele tenente negro que ele mesmo entrevistou, sabia que precisaria estudar freneticamente, tornar-se um autodidata, ocupar as bibliotecas públicas todo o tempo disponível, ler tudo que lhe caísse nas mãos, pois “se outros podiam passar sem saber muito, ele (...), dificilmente passaria se não soubesse tudo, tudo” (Fernandes, 2014, p. 34).

Os acontecimentos de sua vida, tais como a experiência da distância entre diferentes horizontes culturais e econômicos, e a necessidade de abandono precoce dos estudos, frente à situação financeira de sua família, são marcas que se fazem presentes nas temáticas eleitas para a realização de seus estudos e suas pesquisas em sua vida adulta e como intelectual, relativas à exclusão, à violência e ao preconceito. O retorno aos estudos formais acontece apenas aos dezessete anos, no curso de “Madureza Formal” (atualmente conhecido sob nome de supletivo), realizado em três anos. Esse retorno constitui as condições, segundo Fernandes (2014), para que seu pai pudesse então disputar uma vaga no ensino superior público. Desse modo, em 1941, ingressa no curso de Ciências Sociais e Políticas da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o que lhe possibilita acesso ao “mundo dos letrados” e ao quadro de formação de uma elite dirigente, graduando-se em 1944.

Em 1945, torna-se professor assistente de Fernando Azevedo, do Departamento de Sociologia e Antropologia, na Cadeira de Sociologia II, até 1954. Tornou-se colega de Antonio Candido, que ocupava a Cadeira de Sociologia I. Nesse período realizava concomitantemente seu mestrado em Antropologia, intitulado “A organização social dos Tupinambá” (1947) pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, para o qual foi preciso empreender pesquisas de campo e consolidar uma base bibliográfica norte-americana. Obteve ainda duas titulações posteriores, doutorado em Sociologia, cuja tese foi intitulada “A função social da guerra na sociedade Tupinambá”

(1951), e Livre-docência, cujo trabalho foi intitulado “Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na sociologia” (1953)⁶. De 1954 a 1964 assume a Cadeira de Sociologia I na FFCL/USP, e posteriormente, em 1964, a cátedra do professor Roger Bastide com quem trabalhou desde 1950 em pesquisas acerca das relações raciais no Brasil.

Sua atuação política é marcada por sua condição de militante, já iniciada com sua aproximação do Partido Comunista em meados de 1942 e 1943. É apenas com o Partido Socialista Revolucionário (PSR), corrente trotskista, que o sociólogo encontra espaço para suas ideias de cunho político. Contudo, como Cerqueira (2004) assevera, a participação política ativa de Florestan Fernandes foi mais acentuada no início e no fim de sua carreira, o que lhe possibilitou atuar de modo mais intenso no meio acadêmico, sem se alienar dos acontecimentos a sua volta.

O período de 1964 altera profundamente sua carreira consolidada como sociólogo e seu título catedrático na Universidade de São Paulo. Com a instauração da ditadura militar e com o rompimento com as formas de democracia vigentes, Fernandes marcou sua condição de opositor a qualquer forma de atentado à democracia, investindo suas forças na “defesa da democracia, da autonomia universitária e da dignidade intelectual” (Fernandes, 2014, p. 38). Esse cenário provoca nas universidades uma cisão entre direita e esquerda, e a partir de um inquérito policial-militar, a sua prisão por alguns dias durante setembro do mesmo ano. Ele acaba se exilando no Canadá, quando é cassado e aposentado compulsoriamente pela ditadura, bem como, outros célebres intelectuais da época.

É somente em 1980, com o avanço da oposição à ditadura e de uma certa flexibilização do regime, que Florestan Fernandes retoma algumas de suas atividades acadêmicas, dentre elas, cursos de Pós-Graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, local que acolhe muitos dos intelectuais e professores aposentados compulsoriamente pelo regime ditatorial. Consolida-se também como articulista, em diversos meios, em que se destaca sua coluna semanal no jornal Folha de S. Paulo, publicada pelo período de seis anos (1989 a 1995), na qual se empenhava “[...] em divulgar sob todas as formas a seu alcance, a causa da defesa de uma escola pública de qualidade acessível a todos os brasileiros” (Saviani, 1996, p. 71). Ademais,

ao se afastar da função de docente na Universidade, Florestan Fernandes a ampliou, passando a ser mais propriamente publicista e político, enquanto colaborador frequente de importantes jornais de circulação nacional (Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil), retomando uma atividade que já desenvolvia desde estudante universitário (especialmente em O Estado de S. Paulo e Folha da Manhã). Seus artigos conjugam sempre horizonte político transformador e inconformista com reflexão e análise crítica, conseguindo um alcance efetivamente formador e em larga escala (Cardoso, 1995, p. 08).

Esse cenário possibilitou sua candidatura como deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e sua atuação na Assembleia Nacional Constituinte de 1986. É eleito para o mandato de 1986-1990 com 50.024 votos, o quarto deputado mais votado do partido. Em 1991,

6. Seu trabalho de livre-docência resultou no livro “O método de interpretação funcionalista na Sociologia”.

é eleito para um segundo mandato, até 1994, com 27.676 votos. Acometido por uma Hepatite do tipo C, em decorrência de uma transfusão de sangue contaminado, com a qual conviveu por 20 anos, falece em 1995 após uma cirurgia de transplante de fígado.

Como dito, a trajetória de Florestan Fernandes impacta diretamente em sua vida acadêmica, exaltando, particularmente sua condição leitora, de início, renegada diante de sua condição social e, posteriormente, “dada” mesmo que ainda pertença a uma classe social baixa, e por fim, adquirida na condição de quem “arromba” as barreiras do controle do saber destinado a classes sociais específicas. Sua construção enquanto leitor não se coloca na condição de “herdeiro”, tal como discute o historiador cultural do livro e da leitura, Roger Chartier (2019), ao abordar um ponto comum nas narrativas de intelectuais que são convidados a falar de sua condição leitora, adquirida na infância.

Chartier (2019) observa que quando esses intelectuais são convidados a revisitar sua infância e seu contato com a leitura, ou seja, o modo como se tornaram leitores, colocam-se em duas condições, de “herdeiros” e de “trânsfugas de classe”. Os primeiros são aqueles nascidos “em um mundo pleno de livros é como uma viagem iniciada bem cedo entre títulos, autores e gêneros [...] tal como se tivesse nascido em uma biblioteca, o leitor ‘herdeiro’ constrói suas leituras de infância à distância do modelo e repertório escolar” (Chartier, 2019, p.07-08). Em contraposição, aqueles que ao rememorem sua infância literária, recorrem aos títulos e aos autores que lhes foram apresentados em contexto escolar. Mesmo que esses livros mencionados figurem um certo cânone literário, que é inegável, por ressaltar o seu acesso via escola, estão reafirmando sua posição enquanto “trânsfugas de classe”, já que sua condição leitora não é oriunda de berço, isto é, do contexto familiar, mas sim de um ambiente escolar. Dessa forma, para esse grupo “[...] que nasceram em um mundo sem livros, ou quase sem nenhum escolhem outro padrão narrativo: aquele segundo o qual a leitura é uma conquista e não uma herança” (Chartier, 2019, p. 08).

Com certeza existem outras modalidades de narrativa de vida de leitores, mais complexas ou híbridas, mas são estes os dois modelos dominantes de formas de narrar e que definem uma polarização, socialmente enraizada, entre duas maneiras de relatar lembranças de leitura e memória dos livros que acompanharam os anos da infância e da adolescência. Nunca devemos nos esquecer de que os discursos mais pessoais mobilizam, sem necessariamente o saber, as fórmulas retóricas ou narrativas disponíveis num dado tempo. A “ilusão biográfica” conduz o indivíduo a pensar-se como irredutivelmente único e singular quando na verdade seu discurso ou sua memória se pautam em modelos amplamente compartilhados (Chartier, 2019, p. 08).

Florestan Fernandes Júnior, filho de Florestan Fernandes, no VI Seminário de Política de Informação e Memória e Centenário de Florestan Fernandes realizado de forma virtual em outubro de 2020, na mesa de encerramento, “A relevância do acervo de Florestan Fernandes para a UFSCar”⁷ na comemoração dos 50 anos da Universidade Federal de São Carlos e do centenário de Florestan

7. É possível assistir à mesa 03 pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=MTXitSaS2CQ>. Acesso em 30 mai. 2023.

Fernandes, narra a relação de seu pai com a leitura e os livros, bem como com a apropriação que fazia deles. Descreve o quanto a leitura era uma constante na vida do sociólogo mesmo enquanto criança (apesar de ter largado a escola, para auxiliar sua mãe na sobrevivência da família). Na adolescência, enquanto trabalhava em um bar/restaurante, no centro de São Paulo capital, frequentado por intelectuais e jornalistas da época, em que nas pausas ia “para trás do balcão ler os livros e romances que gostava” de modo a despertar o interesse do grupo de intelectuais que ali frequentavam sobre as leituras que empreendia. Júnior ressalta que esse grupo pontua a qualidade da escolha dos livros selecionados por Fernandes de modo que um deles encontra um emprego “melhor” como vendedor de produtos químicos e farmacêuticos, incentivando Fernandes a retornar aos estudos.

Desse contato frequente com os livros, Heloísa Fernandes ao relembrar a figura de seu pai, reitera que “para todos nós da família, a pessoa de meu pai é inseparável de seu escritório e de sua biblioteca” (Fernandes, 1998, p. 48), sendo de fato apenas um. Em seu acervo, adquirindo pela Universidade Federal de São Carlos, após a morte do sociólogo, em 1996, há mais de 12 mil livros, arquivos de documentos e objetos pessoais. Esse acervo compunha seu escritório pessoal, espaço em que, segundo Fernandes (1998), o sociólogo passava horas e mais horas, o que inquietava toda a família:

Um mistério que ora se apresentava vestido de sagrado, que obriga ao respeito e à deferência – alimentando a impotência e a fuga – ora aparecia vestido de proibido – esse grande aliado da curiosidade. Em suma, um autêntico mistério, prendendo e atando a curiosidade ao desejo de saber. Saber o que aquele belo homem que chamava meu pai fazia naquele lugar que diziam ser o escritório. O que fazia ele ali, quando não podia ser perturbado? Possuía por um único significado, a palavra *escritório* tornou-se aquele lugar da casa, cercado de silêncio, onde as paredes vestem-se de prateleiras repletas de livros e onde um sujeito sentado lê e escreve (Fernandes, 1998, p. 48).

Particularmente nesse retorno “biográfico” à aquisição da condição leitora de Florestan empreendida por seus filhos, é por vezes, reiterado que seu contato com livros ocorria apesar da recusa e do impedimento fomentado pela sua classe social, seja pela condição da família, na figura de sua mãe, analfabeta e empregada doméstica, seja pelo trabalho na adolescência para sustento da família, o que impedia de continuar seus estudos no ambiente escolar. A apresentação e o ingresso ao mundo dos livros e da leitura acontece, como vimos, por intermédio dos padrões de sua mãe e a perenidade da leitura, através de amigos e “clientes” do bar que trabalhava na adolescência, colocando-o, nas categorias sociológicas de Pierre Bourdieu, retomadas na análise sobre “ilusão bliográfica” de Chartier (2019) na condição de trãnsfuga de classe (aprofundaremos essa condição ao detalharmos a sua leitura-seleção e escrita-coleção).

Ainda nessa descrição empreendida por Heloísa Fernandes, ela se indaga da relação com os livros e as leituras que presenciava na biblioteca pessoal de seu pai. Para ela, os livros constituíam sua fortuna, mesmo que ele se enquadrasse na figura de “homem simples, modesto, desprovido de qualquer sentimento arraigado de posse” (Fernandes, 1998, p. 48) e, no entanto, se apegava tanto

aos livros. Em sua biblioteca havia todos os livros adquiridos e ganhados ao longo de sua vida, e pelo seu apreço, não se desfazia de nenhum deles, mesmo que não gostasse. O livro é alçado então a condição de objeto sacralizado em nossa cultura, merecendo cuidado e respeito, afinal é um objeto raro e precioso que se destina, muitas vezes, a uma pequena parcela da população.

Atualmente a Universidade Federal de São Carlos é detentora do acervo de Florestan Fernandes. O material adquirido subdivide-se no Fundo Florestan Fernandes (FFF/UFSCar), no Mini-Museu Florestan Fernandes e na Coleção Florestan Fernandes, que integram o DeCORE (Departamento de Coleções de Obras Raras e Especiais) localizado no 5º piso da Biblioteca Comunitária do campus de São Carlos (BCo/UFSCar). Assim, o DeCORE possui ao todo oito coleções de figuras públicas e intelectuais importantes em nossa história. A Coleção Florestan Fernandes contém 10.252 exemplares divididos em quatro salas distribuídos conforme suas temáticas: 1) filosofia, antropologia, psicologia, economia, marxismo, capitalismo, história, artes; 2) sociologia nas américas; 3) sociologia no Brasil; 4) literatura e periódicos, contando também como a divisão Florestan Fernandes – Distrito Federal (5.055 livros do gabinete em Brasília – deputado federal).

O arquivo pessoal de Florestan Fernandes reúne 30.000 páginas de documentos pessoais e profissionais do sociólogo, tais como: manuscritos, fichas manuscritas, cadernos, cadernetas de pesquisa, fotografias, entrevistas, artigos publicados, prefácios, correspondências, campanha eleitoral. Esses documentos estão divididos em seis séries: i) vida pessoal - (notação VP); ii) vida acadêmica – (notação VA); iii) vida política – (notação PO); iv) produção intelectual – (notação PI); v) produção intelectual de terceiros – (notação PIT) e v) homenagens póstumas – (notação HP)⁸.

A consulta desses materiais (à época) é realizada presencialmente no próprio DeCORE/UFSCar mediante agendamento prévio, limitada a cópia de 10 documentos digitalizados por pesquisa. Nem todos os materiais estão processados e disponíveis para consulta, pois não foram ainda tratados, descritos, catalogados e digitalizados. Em uma de nossas visitas guiadas, pudemos percorrer a sala de armazenamento, onde verificamos a existência de uma quantidade significativa de documentos da série “produção intelectual” (alocadas em pastas e caixas), contendo provavelmente outros cadernos de notas, fichas e anotações, ainda sem categorização, os quais constituíram nosso *corpus* de pesquisa (três cadernos de notas de Florestan Fernandes). Esse material fica armazenado no arquivo deslizante, e só estará passível de consulta, tanto ao público quanto aos pesquisadores, após passar pelos procedimentos internos descritos anteriormente.

Dentre os diferentes materiais disponibilizados neste acervo, selecionamos, para a composição de nosso corpus três cadernos/fichas de Florestan Fernandes, a saber, i) Fichas manuscritas sobre a História da Literatura – Langlois, sob a rubrica “folhas manuscritas”, contendo 22 páginas; ii) Notas sobre aculturação – “cadernos de notas” com 20 páginas; e iii) Caderno III, também sob a rubrica “cadernos de notas” com 185 páginas, todos da série Produção intelectual. No entanto, neste artigo, dedicamos as considerações apenas do item dois.

Atualmente o museu conta com 79 objetos, mais 54 outros, localizados no espaço do Fundo Florestan Fernandes. Dentre os diversos objetos, destacamos o seu fichário em madeira utilizado

8. Elaborado pelo DeCORE (BCo-UFSCar).

para o armazenamento de suas fichas manuscritas, com notas de suas leituras. Esse objeto é bastante simbólico de uma prática de leitura e escrita erudita e acadêmica, amplamente mobilizada pelo sociólogo: da leitura dos mais variados livros e textos, e também de seu registro e de sua organização por meio de notas em cadernos e fichas manuscritas que posteriormente seriam consultadas para usos acadêmicos como orientações para aulas e/ou produções textuais.

Segundo Nascimento (2016), em artigo dedicado à reflexão sobre o papel das tecnologias digitais nas formas de pensar e de produzir ciência, em especial na sociologia, e de como os sociólogos, assim como outros pesquisadores, têm se tornado “acadêmicos digitalizados”, com impacto sobre a própria disciplina, o autor lembra um traço próprio dos procedimentos de pesquisa de Florestan Fernandes. Segundo ele,

muitos intelectuais comentam o modo como a capacidade intelectual de Florestan Fernandes estaria associada ao famoso ‘gavetão’ ou fichário de madeira que ele possuía em sua residência na Rua Nebraska no bairro de Brooklin em São Paulo (Sereza, 2005, p. 55-56). O ‘gavetão’ era uma grande quantidade de fichas de cartolina escritas à mão e organizadas segundo temas e autores numa época em que, como sugere Fernando Henrique Cardoso, ‘a ciência era feita com papel, lápis e caneta’(ib., p. 56). Florestan passava horas reescrevendo, organizando e fazendo buscas neste grande fichário para a montagem de aulas e escrita de artigos” (Nascimento, 2016, p. 229-230).

Além disso, outros objetos pertencentes ao seu acervo, como os livros de sua biblioteca pessoal, que contam com anotações em suas marginalias⁹, com grifos e riscos do sociólogo, são eles também, em conjunto com esse mobiliário, com suas fichas, outros objetos que representam esse modo de ler e de escrever mobilizado por Florestan Fernandes próprios do que se considera ser comum aos modos de ler de intelectuais da época, mas sobretudo próprios de um intelectual exigente consigo mesmo, que tem uma consciência aguda e prematura, reforçada ao longo da vida, da necessidade constante de ter de se afirmar nesse lugar, para o qual, na condição de trãnsfuga de classe, ele ocupou sem necessariamente ter sido convidado.

Dos livros às anotações e das anotações aos livros

A construção de sua condição leitora consiste no contato com os livros e a leitura não por um convite familiar, no entanto, por acasos de sobrevivência da vida cotidiana, do acolhimento dos padrões de sua mãe ao universo letrado. A perenidade dessa condição, quando negada, é feita pelos intelectuais e “clientes” que frequentam seu espaço de trabalho. Por essas questões que atravessam sua condição enquanto sujeito, recorreu a um certo autodidatismo, forçando-se por exemplo, enquanto adulto e sociólogo a leitura-escrita por dezoito horas diárias (Cf. Fernandes, 1998). Para seus filhos, transformar-se em autodidata era a única forma de sair da condição de pobreza de sua família de origem.

9. Para ver imagens de algumas páginas de livros com suas anotações, cf. Cepêda & Mazucatto (2015), p. 189.

Seus livros eram sua fortuna, mas não fetiches a serem limpos lustrados, encadernados. Tal como só as crianças sabem fazer com seus tesouros, seus livros eram valores de uso, lidos e relidos por um leitor ativo, atento, exigente, que anota, escreve, rabisca, grifa, a tal ponto que, muitas vezes, restam, afinal, dois textos: o do próprio autor e o de seu leitor! (Fernandes, 1998, p. 49).

Em razão de sua atuação enquanto acadêmico e professor de sociologia tanto na Universidade de São Paulo quanto em outras universidades, como fora apresentado, requereu certas práticas de leitura e escrita, mesclando gestos de leitura intensiva – a leitura aprofundada, minuciosa e repetida dos mesmos textos, com anotações em suas margens, de forma a dialogar com o texto-primeiro – e uma leitura extensiva – de uma quantidade significativa de textos diversos, de certo modo até, comparativa entre eles, relacionando uns com outros – de maneira a obter citações para a argumentação de suas aulas e de seus artigos que auxiliavam na produção de textos-fim, por exemplo.

Sua sistematicidade se manifesta na forma como organiza suas anotações e cadernos, seja na organização e manutenção de fichas em um móvel específico “gavetão” que possibilita acesso fácil e rápido às leituras desenvolvidas, seja pelos cadernos propriamente ditos, por vezes de capa dura, com títulos específicos, com informações relativas às referências bibliográficas do texto lido. Em seu caderno “Nôtas sobre aculturação” (sem data), por exemplo, trata-se de um caderno de capa dura (e não folhas esparsas) que fora cuidadosamente enumerado (40 páginas), contendo ainda folha de rosto com informações acerca do título e indicações de sua finalidade de forma manuscrita. Tal como sugere o título, destina-se a recolha de enunciados sobre “cultura”, “aculturação” e “transculturação”, resultados de sua leitura-seleção, manifestos em uma escrita-coleção.

Ademais, as notas empreendidas por Florestan nesse objeto, refere-se às citações de forma direta ou indireta do texto lido, possibilitando o acesso ao texto-primeiro, já que é sempre acompanhada das indicações bibliográficas: aspas e números de páginas. Esse objeto, isto é, o caderno de notas, evidencia que a seleção de frases que o compõe não se dá ao acaso, mas é determinada pelo objetivo do texto-fim, de acordo com seu gênero e sua circulação: à medida que lê, empreende a coleta de frases no texto-primeiro para emprego em um texto-fim, dessa forma “a clareza quanto às regras do ‘gênero discursivo’ para o qual coleta citações se expressa na adoção de notas que já antecipam e assumem a ‘construção composicional’ e o ‘estilo verbal’ do que virá a ser o texto final” (Rosin; Curcino, 2020, p. 307).

Essas notas então se relacionam aos modos de ler atribuídos a um professor, intelectual e sociólogo da época, que teria sempre à mão um caderno para anotar e descrever aquilo que observa, particularmente, durante uma leitura, para dialogar e retirar os objetivos gerais e as hipóteses que são desenvolvidas pelos autores consultados, como forma de compreender o texto e de usar esse texto com finalidade específica para a produção de um outro.

Essa estratégia de leitura-seleção e escrita-coleção se assemelha ao modo de ler dos humanistas. Grafton (1997), ao caracterizar o leitor humanista, assevera que este “por vezes, lia de modo informal, como fazemos hoje”, no entanto, por outras, lia de modo formal, o que demandava que estivesse

“com a pena na mão, escrevendo conforme avançava no texto”. Essa informalidade e formalidade estava associada aos tipos de textos selecionados, aqueles que era para leituras de “entretenimento” não demandavam gestos próprios, por exemplo, de estar sempre com papel e caneta à mão. Havia, desse modo, uma certa relação entre o ato de ler e escrever, quando de leituras formais, de modo que “o escrever, no fim das contas, era em si mesmo uma forma de leitura, uma homenagem feita letra a letra ao poder do texto original.” (Grafton, 1997, p. 34-35). A cópia, ou seja, o ato de anotar, não se restringia apenas à seleção e à transcrição dos trechos selecionados, muitas das vezes, os leitores humanistas também copiavam textos inteiros, daqueles que editariam posteriormente, e do quais o acesso era limitado e restrito.

É recorrente a caracterização de Florestan Fernandes como um leitor voraz, já que como pontua seu filho, ele lia muito para poder se equiparar com os outros alunos de seu curso e também para “recuperar aquilo que havia perdido em sua infância”. Florestan Fernandes Júnior reitera que a leitura era uma constante e a escrita também, se o sociólogo não estava lendo, estava escrevendo. Assim, tinha uma facilidade na produção de textos, mesmo de gêneros textuais mais complexos. É necessário ressaltar que a apropriação que Florestan Fernandes faz dos livros e textos lidos é sempre permeada de uma relação entre a prática de leitura e de escrita, pois não empreende apenas grifos ou rabiscos em suas leituras, mas produz outros textos (textos-intermediários) oriundos daqueles que lê, seja por meio de suas fichas e notas, seja por meio de comentários e notas marginais nos livros.

Assim, neste recorte do estudo histórico e discursivo dessa técnica de construção dos cadernos de notas, que empreendemos em nossa tese de doutorado, buscando as prováveis continuidades e descontinuidades nas práticas de leitura e de escrita empregadas na construção desses objetos, nos deparamos nesses cadernos de notas com representações comuns, e talvez generalizáveis, de como liam os intelectuais de uma determinada época e sociedade, que tinham podido ter acesso a uma formação institucional tradicional nesse período, e a um acesso ao aprendizado ainda corrente de uma técnica de leitura e de escrita ainda herdeira dos princípios retóricos fundantes de formas de ler e escrever em acordo com práticas eruditas de apropriação e produção de textos.

Particularmente, no que diz respeito a condição leitora de Florestan Fernandes, na leitura-seleção e escrita-coleção, se coloca como sujeito de um tempo-espço “sujeitos aos discursos e às representações que compartilham com seus contemporâneos. Essas representações têm uma história e são social e culturalmente determinantes daquilo que os sujeitos conhecem, creem, enunciam e praticam” (Rosin; Curcino, 2020, p. 308). Desse modo, o modo de ler, selecionar, preservar, colecionar e classificar as frases que são empregadas em seus textos posteriores e são constitutivas de suas obras se deve, em grande medida, aos discursos e às representações sociais e discursivas do que é ler, do que é escrever, do que é ser intelectual

enfim, legar um arquivo, na condição de um autor, em seu tempo e em nossa sociedade. Elas respondem ainda às injunções dos gêneros discursivos para os quais selecionam frases a serem citadas, e suas finalidades objetivas: [...] para escrever artigos acadêmicos. Suas anotações, em folhas e cadernos, como todo e qualquer objeto cultural, indiciam esses discursos e essas representações que

estão na origem de sua produção, na determinação das suas condições culturais de existência, na relevância de que são investidos e na construção da autoridade e da imagem de autor (Rosin; Curcino, 2020, p. 308).

É fundamental compreendermos o que nos alerta Foucault (2014), ao recorrermos a análise desses rastros deixados pelos intelectuais acerca de sua forma de leitura e escrever, isto é, dos “documentos” devem sempre ser considerados como “monumentos”. De fato, não estamos nunca diante do real, do modo como o fato aconteceu, e sim, de uma representação, de uma discursivização. Declarações, imagens, formas arquitetônicas, roupas, ritos e cerimônias, e muitos outros objetos e práticas culturais, testemunham certas concepções, ideias, pontos de vista, crenças, valores e verdades sobre diversas práticas e sujeitos, e tendem a se apresentar e a serem tomados como “documentos”, que nos colocariam diante do acontecido, do dito, de sua verdade. Tanto para o analista do discurso quanto para o historiador cultural, o fato é que estamos sempre diante de “monumentos” em razão da realidade inevitável que estes apresentam acerca dos posicionamentos sociais, culturais, ideológicos e históricos.

Referências

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: EdUFSC, 2014.

CARDOSO, M. L. Em memória de Florestan Fernandes. *Estud. av.*, São Paulo, v. 9, n.25, p. 7-10, Dec. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141995000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: ago. 2019.

CEPÊDA, V. & MAZUCATO, T. *Florestan Fernandes, 20 anos depois – um exercício de memória*. São Carlos: Ideias Intelectuais e Instituições: UFSCar, 2015

CERQUEIRA, L. *Florestan Fernandes: vida e obra*. 1ed, São Paulo: Expressão Popular, 2004

CHARTIER, R. Ler sem livros. In: *Revista Linguagem*, São Carlos, vol. 32, n. 1, número temático: Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez. 2019, p. 6-17

_____. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CURCINO, L. Da infâmia à resistência: quando se é notícia porque se lê. In: SÁ, I.; BRAGA, A. (orgs.). *Microfísica da resistência: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2020. p. 249- 274.

_____. Divisões e representações sociais de leitores no Brasil: Uma análise de discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros [Relatório Científico de Pós-doutorado 2016-

2018 UNICAMP- Campinas / UVSQY-Versailles-França]. mimeo, 2018.

_____. Suporte e sentido: questões de leitura e análise do discurso. In: Gregolin, M.R.V.; Kogawa, J. M. (orgs.) *Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas*. Araraquara: Laboratório Editorial / São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 189-205.

FERNANDES, H. *Florestan Fernandes, um sociólogo socialista*. Revista Florestan – Graduação em Ciências Sociais da UFSCar, v. 01, n. 01, 2014.

_____. Amor aos livros – reminiscências de meu pai em sua biblioteca. In.: CATANI, A. [et al]; MARTINEZ, P. H. [orgs]. *Florestan ou o sentido das coisas*. Editora Boitempo, 1998.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GRAFTON, A. O leitor humanista. In: CAVALLO, G. e CHARTIER, R. (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental 1*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

MAINGUENEAU, D. A fala sentenciosa. In: MAINGUENEAU, D. *Frases sem texto*. Tradução Sírio Possenti [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 83-99.

MOSS, A. *Les recueils de lieux communs : apprendre à penser à la Renaissance*. Genève, Droz, 1993.

NASCIMENTO, L. F. A Sociologia Digital: um desafio para o século XXI. *Sociologias*, 18(41), 216–241. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004111>. (2016). Acesso em: 30 mai. 2023.

PIRES, H. Rui Barbosa e os livros. Conferência na Casa de Rui Barbosa, a 5 de novembro de 1938. 5ª edição, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/924/1/Pires%2C%20Homero%20-%20Rui%20Barbosa%20e%20os%20livros.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ROSIN, P; CURCINO, L. Uma análise discursiva da técnica de seleção e de citação de frases em notas de Rui Barbosa e Florestan Fernandes. *Revista Humanidades & Inovação*. v. 7 n. 24 (2020): *Análise do Discurso: o que é e como se faz?* Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4375>. Acesso em: 30 mai. 2023.

_____. De usos no presente aos usos no passado: a coleta de frases como técnica de leitura e de escrita. *Estudos Linguísticos (São Paulo)*, 50(3), 1238–1260. (2021). <https://doi.org/10.21165/el.v50i3.2984>. Acesso em: 30 mai. 2023.

_____. Peculiaridades do exercício da função autor: uma análise discursiva de “mensagens

compartilhadas” no Facebook. Revista Estudos Linguísticos. v. 44, n. 3, São Paulo, set-dez de 2015. p. 1155- 1167. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1046/648>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SAVIANI, D. Florestan Fernandes e a educação. *Estudos Avançados*, 10(26), 71–87. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141996000100013>. (1996). Acesso em: 30 mai. 2023.

Pâmela Rosin

Bacharela em Linguística (UFSCAR, Especialista em Educação e Novas Tecnologias (Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto), Mestra e Doutora em Linguística (UFSCar); Atualmente é Professora no Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto.

E-mail: pamelasilvarosin@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7778-8874>

Recebido em 15/06/2023.

Aceito em 10/08 /2023.